



OLIVIA BEIRNE



A lista que mudou minha vida



*Às vezes, tudo o que você precisa
é de um empurrãozinho...*



*“Hilário!
Fãs de Jojo Moyes
e Sophie Kinsella
vão se apaixonar
por este livro.”*

OLIVIA BEIRNE

**A LISTA QUE
MUDOU
MINHA VIDA**

Tradução:
Monique D'Orazio



COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2020

COPYRIGHT © 2018 OLIVIA BEIRNE

FIRST PUBLISHED IN EBOOK IN 2018 BY HEADLINE PUBLISHING GROUP

FIRST PUBLISHED IN PAPERBACK IN 2019 BY HEADLINE PUBLISHING GROUP

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**

Coordenação editorial **CARLA SACRATO**

Preparação **DANIEL RODRIGUES AURÉLIO**

Revisão **BÁRBARA PARENTE**

Capa e diagramação **OSMANE GARCIA FILHO**

Ilustrações de capa **BISCOTTO DESIGN | SHUTTERSTOCK**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Beirne, Olivia

A lista que mudou minha vida / Olivia Beirne ;
tradução de Monique D'Orazio. — 1. ed. — Barueri, SP :
Faro Editorial, 2020.

304 p.

Título original: The list that changed my life

ISBN 978-65-86041-32-3

1. Ficção inglesa I. Título II. D'Orazio, Monique

20-2748

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

1. 1. Ficção inglesa



1ª edição brasileira: 2020

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,
adquiridos por FARO EDITORIAL

Avenida Andrômeda, 885 – Sala 310

Alphaville – Barueri – SP – Brasil

CEP: 06473-000 – Tel.: +55 11 4208-0868

www.faroeditorial.com.br

CAPÍTULO UM

16 DE MARÇO

Amy vem com a mão para cima de mim e eu estremeço.

Não. Por favor, não. Por favor, só me deixe aqui. Não consigo mais me levantar. Se tiver que fazer mais algum polichinelo, vou vomitar.

— Vamos! — ela grita. — Você consegue!

Eu pisco para ela, meu peito espremendo o oxigênio para fora de mim como se eu fosse um tubo vazio de pasta de dente.

Se a causa da minha morte for Zumba, vou ficar furiosa.

— Não — respondo categoricamente. — Não aguento. Pra mim já deu. Vou pra casa.

Será que ela não consegue enxergar que eu estou quase morrendo? Sinto como se estivesse prestes a ter um ataque de asma — e eu nem sou asmática.

Amy levanta as sobrancelhas para mim.

— Levante-se. Você está me fazendo passar vergonha.

Faço uma careta... Estou me sentindo um lixo. Achei que exercícios físicos serviam pra fazer a gente se sentir bem! Isso é tipo quando Amy tentou me dizer que não dava para sentir a diferença entre o gosto de pão branco e de pão integral. Ela me disse que Zumba era *fácil*.

Amy se agacha na minha frente.

— Vamos, Georgia — ela diz —, a questão é fazer a mente dominar a matéria. Levante-se.

— Não — eu digo antes que consiga me conter —, é muito difícil. Você é melhor que eu nisso, Amy. Você é sempre melhor.

Amy se inclina para a frente e me puxa até eu ficar em pé. Eu tropeço sem a menor elegância.

Putaquepariu, como ela é forte.

— Não, eu não sou — ela diz com firmeza. — Eu só tenho uma mentalidade melhor do que a sua. Você tem que ir lá e agarrar a vida com as próprias mãos, Georgie. Estou cansada de te ver deixar o mundo passar pela janela enquanto você fica com a bunda sentada vendo tv.

Bufo com indignação.

Isso é uma baita injustiça. Eu não passo minha vida inteira vendo tv.

Abro a boca para protestar, mas Amy ataca primeiro.

— Agora coloque seus peitos pra dentro de novo. — Ela se vira para a frente, e eu, a contragosto, faço o mesmo. — Vamos começar as flexões.

Ah, maravilha.

DOIS MESES DEPOIS

— Oi — eu digo —, você poderia me dizer, por favor, em qual quarto minha irmã está? O nome dela é Amy Miller.

Meu corpo estremece quando ouço as palavras saírem da minha boca. Minha irmã está no hospital. Estou aqui para ver minha irmã, no hospital.

A recepcionista olha para mim de relance e depois volta para a tela do computador. Ela digita alguma coisa, e eu continuo com os olhos fixos nela, desesperada para ler sua expressão facial e encontrar algum tipo de pista. Eu não tenho muita experiência com hospitais. Eu realmente nunca precisei ir a um antes. A gente só precisa ir se houver algo de errado. Felizmente para mim, nada nunca esteve tão errado na minha vida.

Até agora.

Olho no meu relógio.

Onde ela está? Ela está aqui em algum lugar. Eu sei que está. Minha mãe disse que seria fácil de encontrar.

CAPÍTULO DOIS

Posso usar rosa? Uma investigação:

PRÓS

- Rosa é secretamente minha cor favorita
- Aquele suéter incrível da loja de caridade é rosa e eu quero usá-lo
- Assim como a saia que eu comprei para o Natal
- E a blusa
- Ter um rosto cor-de-rosa em V é realmente uma coisa boa e não é algo que deveria me constranger
- Sou uma mulher forte e independente e devo usar qualquer cor que eu quiser, independentemente de Amy me dizer que fiquei “fofa” (o pior elogio do MUNDO. Ela poderia ter me dito que eu parecia uma criança de oito anos)
- Reese Witherspoon usa rosa o tempo todo (não que eu me pareça com ela)
- Rosa é a cor da primavera – e todo mundo adora a primavera.

CONTRAS

- Eu pareço a Miss Piggy.

* * *

Ok, como assistente, há muitas coisas que eu diria que não são o meu trabalho.

Por exemplo, organizar os torrões de açúcar. Ou reabastecer o papel na fotocopadora ou assinar o recebimento de todos os pacotes (não me importo muito com isso, pois considero uma desculpa para mostrar minha assinatura sofisticada).

Mas isso já é longe demais. Ninguém deveria ter que fazer isso.

— Desculpe. — A vendedora de olhos brilhantes bate as pestanas para mim. — Você pode repetir isso, por favor?

Argh. Por favor, não me faça repetir. Dizer uma vez já é bastante humilhante.

Suspiro.

— Preciso encomendar sete pombas bebês para o dia 17 de novembro, por favor. E elas precisam ser tão brancas quanto... — Eu consulto meu caderno, as páginas amassadas curvando-se sob meus dedos. — ... os dentes do Rylan.

Ela franze as sobrancelhas.

— Quem?

Eu derrubo meu caderno velho no balcão e encontro seus olhos perplexos.

— Ele é uma celebridade. As pombas só precisam ser brancas — digo, encolhendo-me quando as palavras saem da minha boca. — Incrivelmente, ofuscantemente brancas. — Meus olhos se voltam para a letra de Bianca. — Ela não quer pintinhos feios.

Na verdade, ela não usou a palavra “pintinhos”, mas eu sou uma dama e ainda não são 11h da manhã.

— Pombas bebês? — a vendedora repete. — Nós só temos pombas crescidas.

Arregalo os olhos para ela. Por que essa garota não está me ajudando em nada?

— Bem — eu me atrapalho —, alguma delas está grávida? Podemos engravidá-las? O casamento é, tipo, daqui a cinco meses. Isso é tempo suficiente para um bebê ser... er... feito? Concebido?

Um frisson de vergonha dispara pela minha espinha ao me ouvir dizer a palavra “concebido” para uma completa estranha.

A garota ergue as sobrancelhas para mim e abre um grande catálogo. Deslizo meu pé inchado para fora do sapato de bico fino, tentando ignorar a irritação que pinica minha pele. Não sou assistente pessoal, não sou uma traficante de um filme sofisticado e nem sou uma espã descolada que precisa de pombas para pegar um mágico homicida.

Afundo em uma cadeira e pego meu celular.

Sou *designer* assistente da Lemons Designs. Era para eu ser uma *designer*. Uma *designer*. No entanto, passei os últimos sete meses ajudando Bianca Lemon a planejar seu grande dia. Tipo, eu não acho ruim. Bianca deve confiar em mim se ela está me permitindo realizar todas essas tarefas. Afinal, é o casamento dela. Mas como uma garota solteira há dois anos, sei muito pouco sobre casamentos — e menos ainda sobre como organizá-los.

Por exemplo, você precisa reservar o padre. Como assim? Achei que eles já estivessem lá.

Viro as páginas do meu caderno cheio de orelhas, minha atenção capturada por uma página solta que está balançando na brisa do verão. Tenho meu caderno — ou diário, como gosto de chamá-lo — há anos. Embora Amy me compre um novo todo Natal, parece que não consigo me desfazer deste aqui. Eu o levo comigo a todos os lugares.

A moça morde o lábio e finalmente diz:

— Tá, temos três pombas que são... brancas. Nós as chamamos de cristalinas.

Eu mordo a língua.

Nome ridículo para uma pomba branca; os cristais são transparentes. Cristalino é transparente. Todo mundo sabe disso.

Respiro fundo e fico em pé.

Acalme-se, Georgie. Não é culpa dessa pobre garota que você passou a manhã toda arrumando o *circo* que é a cerimônia de abertura do casamento de Bianca, calçando sapatos em que você mal consegue ficar de pé. Pelo menos eu consegui convencê-la a não chegar na igreja montada em um elefante.

— Ok, ótimo — respondo. — Eu preciso de sete, por favor.

A vendedora chupa a ponta da caneta.

CAPÍTULO TRÊS

27 DE JUNHO

LISTA DE TAREFAS:

- Lembrar Tina sobre a conta de gás (!!!!) (encurrale-a quando ela estiver de ressaca e não puder correr)
- ~~Fazer lasanha para Amy~~ (impossível. Como diabos se faz molho de queijo?)
- Encontrar sete pombas (Bianca. Não é importante. Falta uma eternidade pro casamento)
- Trabalhar em projetos?
- Lavar roupa escura (ficando sem calças, urgente)
- Ligar pro papai.

Esguicho uma quantidade generosa de xampu na palma da mão aberta e sinto os olhos se esticarem para o líquido púrpura que serpenteia para fora do frasco.

Oh, Deus, isso parece muito caro. Quem sabia que Tina tinha um gosto tão caro? Eu realmente deveria descobrir em que ela trabalha. Como ela tem dinheiro para isso? Nosso aluguel também não a levou à falência?

A garrafa solta um gemido todo-poderoso e meu estômago estremece em pânico.

Ah, não, o xampu acabou? Eu definitivamente não queria usar tudo. Eu só pretendia usar um pouquinho para aguentar até o dia do pagamento.

Olho para as paredes do nosso banheiro cinza e úmido. Tento reprimir um arrepio quando olho para o mofo, enrolando-se nos cantos e nos azulejos soltos que tremem levemente sempre que o apartamento de cima liga a secadora.

Nunca pensei que acabaria morando em um lugar como este. Quando arranjei o emprego na Lemons, sabia que tinha que me mudar. Eu não poderia ficar na casa dos meus pais para sempre. Mas estaria mentindo se dissesse que estava completamente preparada para o que meu salário mínimo conseguiria pagar em Londres. Amy ainda mora com nossos pais, economizando para uma hipoteca. Ela sempre foi a irmã sensata.

Encontrei Tina na internet. Ela disse que seu último colega de apartamento tinha feito as malas e saído, então ficou feliz em me aceitar imediatamente. Nem tive de assinar um contrato. No começo, eu achava que meu quarto caixa de fósforos e minha cozinha permanentemente úmida eram encantadores. Não me importava com o fato de o sofá da sala ter calombos e manchas de caráter duvidoso que eu pensava serem parte do *design*. Então Tina me disse que encontrou o sofá na rua, e eu não tinha dinheiro para mandá-lo lavar a seco. Então encontrei mofo se infiltrando debaixo do colchão. Aí encontrei o rato.

Massageio o xampu no couro cabeludo e tento ignorar a bola de fogo de pânico que se forma na boca do meu estômago. Obviamente, eu não costumo roubar xampu da minha colega de apartamento, mas depois que o valor do meu aluguel some da minha conta bancária, às vezes não me resta muita escolha.

Amy é a única pessoa que veio me visitar. Não vou deixar meus pais virem. Não quero que eles vejam.

Entro debaixo da água e deixo o xampu cair no meu corpo.

Oh, esse xampu tem um cheiro *muito* bom.

Eu definitivamente me sentiria melhor se o cheiro fosse nojento, mas o aroma é de uma deliciosa mistura de rosas e lavanda e...

Pulo de susto, pois há uma batida forte na porta.

— Georgia? — a voz de Tina chama. — Georgia?

Meu Deus. Que descuido! Será que ela está sentindo o cheiro do xampu? Será que ela sente que estou roubando dela? Ela não está prestes a me confrontar agora, está? Estou pelada! E... Argh! Entrou xampu no meu olho!

Bato a cabeça para trás debaixo do chuveiro em uma tentativa de tirar a espuma.

A maldição do xampu roubado!

— Georgia! — Tina grita, sua voz perfurante penetrando pela porta do banheiro.

— Sim? — eu consigo dizer, esfregando loucamente o olho.

Oh, Deus, o que tem nisso aqui? Ácido? Parece ácido. Talvez seja. Talvez não seja realmente um xampu, e Tina tenha enchido o frasco com creme depilatório como uma forma de me pegar no flagra roubando suas coisas.

Argh! Como eu pude ser tão burra?

— Você já está terminando? — Tina grita de novo. — Vou sair, preciso escovar os dentes.

Sinto meu corpo relaxar um pouco enquanto minhas mãos agarram minha cabeça.

Oh! Graças a Deus. Acho que todo o meu cabelo ainda está aqui. A última coisa de que preciso é ficar careca como punição por roubar da Tina. Como eu poderia explicar isso a alguém?

Consigo abrir o olho em chamas e desligar o chuveiro.

— Já — grito de volta —, me dê só um segundo.

Saio do chuveiro e envolvo meu corpo fumegante e rosa na minha toalha murcha. Pego meu cabelo e dou umas fungadas loucamente, os olhos disparando para o frasco vazio de xampu caído no chuveiro.

Oh, Deus, meu cabelo realmente está com o cheiro do xampu dela. Ela vai saber. Posso fazer uma piada com isso? Será que ela vai achar engraçado? Eu e Tina mal trocamos quatro frases uma com a outra. Ela pode ficar totalmente despreocupada, ou posso acordar de manhã com uma cabeça de cavalo apoiada na minha cama. Ambas as opções são igualmente plausíveis.

CAPÍTULO QUATRO

18 DE JULHO

LISTA DE COMPRAS:

- 1 pão de forma (pequeno, já que vou passar a maior parte da semana com Amy)
- Legumes (variedade sensata)
- Iogurte saudável ****NÃO!!**** CHOCOLATE COM CARAMELO OU GOTAS DE CHOCOLATE!!!!
- Doces (variedade sensata)
- Pizza ****UMA!****
- Refeições prontas (variedade sensata)
- Filés chiques de frango.

— Você quer ketchup?

— O quê?

— Ketchup! — eu grito. — Você quer ketchup?

— Sim, por favor.

Jogo uma garrafa na bandeja e caminho até a sala de estar dos meus pais. Amy está apoiada em uma poltrona, sorrindo. Seu cabelo está enrolado em um nó no topo da cabeça e as bochechas franzidas estão incandescentes. Entrego a ela uma bandeja e sento ao seu lado.

— Está passando alguma coisa na televisão?

Amy balança a cabeça e pega o garfo. Lanço um olhar para meu prato, melancólica.

Deus, isso parece horrível.

Quando me ofereci para cozinhar para Amy, achei que era uma ótima ideia. Fiquei cativada pela ideia de preparar um delicioso banquete para minha irmã depois de um longo dia de trabalho. Dei uma passada rápida no mercado e fui jogando na minha cesta itens que eu misturaria para criar uma refeição deliciosa. Nas profundezas da minha fantasia, até imaginei ser contratada por aquele personal trainer celebridade por meu talento natural para cozinhar e aí eu acabaria empoleirada na poltrona de algum programa matinal de variedades discutindo de forma descontraída meus talentos ocultos.

Espeto um pedaço de macarrão mole com o garfo e estremeço.

Agora, a culinária foi adicionada à crescente lista de coisas que eu deveria saber fazer a essa altura, mas que eu, de alguma forma, não sei, logo antes de usar uma secadora de roupas e fazer minha declaração de imposto de renda.

Corto com a mão um pedaço de pão de alho.

Quem diria que cozinhar era assim tão difícil? Eu sempre pensei que minha mãe estava apenas sendo dramática.

Amy mastiga a comida e eu olho para ela.

Depois de duas semanas conseguindo criar refeições ao mesmo tempo malcozidas e queimadas, me deparei com a seção de refeições prontas e comecei a mentir vergonhosamente para Amy desde então. Eu ainda estou sendo uma boa irmã e preparando o jantar para ela todas as noites. Você sabe como é difícil cronometrar uma refeição inteira com apenas um micro-ondas? Só uma caixinha cabe lá de cada vez. Na verdade, é muito avançado e difícil. Acho que deveria receber algum crédito por isso.

— O que você vai fazer esta noite? — Amy pergunta.

Olho para o relógio de parede; são apenas 18h15.

Dou de ombros.

— Nada — digo. — O que você quiser fazer. Talvez pudéssemos assistir àquela série dramática nova na TV.

Amy levanta as sobrancelhas para mim.

— Pensei que você fosse ver sua amiga Natalie.

Eu me forço a engolir outro bocado.

— Não — digo de modo despreocupado —, decidi não ir.

Amy pega o controle remoto e seleciona um episódio antigo de um programa de culinária. Meus olhos se arregalam para a tela.

— Olha só esse bolo! — exclamo. — Não sei como eles fazem, sou péssima na cozinha.

Amy gira o garfo em torno de um pouco de macarrão e inclina a cabeça de lado.

— Eles provavelmente praticaram muito. Você poderia fazer isso se quisesse.

— Eu não poderia — respondo com desdém.

Os olhos de Amy disparam em minha direção, ligeiramente estreitos.

— Você poderia.

Balanço a cabeça.

— Eu não poderia — insisto. — Nunca poderia fazer isso.

Há um silêncio enquanto assistimos televisão.

— Como foi no trabalho? — Amy pergunta em dado momento.

— Tudo bem.

— Você mostrou seus projetos para a Bianca?

— Não.

— Por que não? Eles são muito bons.

Levanto as sobrancelhas para ela.

— Ela não se importa, Amy.

— Bem, então faça-a se importar.

Coloco meu garfo e minha faca no prato. Amy sempre foi assim. Se ela trabalhasse na Lemons, teria organizado o casamento de Bianca e mudado o *branding* da empresa inteira antes do meio-dia.

Ela definitivamente não comeria um sanduíche de presunto e queijo esmagado no almoço.

— Como foi no trabalho? — eu pergunto.

Amy vira de costas para mim.

— Tudo bem — ela diz debilmente.

— Você conseguiu trabalhar o dia inteiro?

— Sim — ela diz alguns instantes depois —, mas fiquei sentada em uma mesa durante a tarde.

Amy é professora de educação física, e sempre foi. Ela está convencida de que isso não vai mudar agora que recebeu o diagnóstico. Mesmo que todos a tenham aconselhado a desistir. Desisti de dizer a ela para ir com calma. Essa luta não vale a pena.

Observo Amy brevemente, cujos olhos estão grudados na TV com tanta ferocidade que podem pular da cabeça a qualquer momento.

Chego com o corpo um pouquinho mais perto dela.

— Você está bem? — digo.

— Estou.

— Estou preocupada com você.

Amy se mexe no sofá e tira o prato do colo.

— Sério? — ela diz. — Acho que estou mais preocupada com você.

Eu pisco para ela.

— Comigo? — respondo. — Por que você está preocupada comigo?

Amy encolhe os ombros, os créditos passando na tela e a música aguda enchendo a sala de estar.

— Apenas estou.

* * *

Esfrego os olhos e entro na sala aos tropeções. Acabei ficando na casa dos meus pais ontem à noite. Depois que eu e a Amy terminamos o jantar, não estava a fim de fazer o trajeto de volta para casa.

— Bom dia — murmuro para Amy.

Amy ergue os olhos. Ela está sentada à escrivaninha, com a caneta pronta. Seu cabelo está preso em um coque apertado e ela já está vestida.

Quanto tempo faz que ela está sentada ali?

— Você vai fazer chá? — Amy pergunta, seus olhos voltando rapidamente para o trabalho sobre a mesa.

Faço um sinal afirmativo com a cabeça, incapaz de organizar as palavras girando confusas no meu cérebro enquanto vou me arrastando para a cozinha.

CAPÍTULO CINCO

Inclino-me para trás na cadeira enquanto Natalie enterra a cabeça na minha nova lista, que está exposta na mesa.

— Então, você tem que fazer tudo isso aqui?

— Tenho.

Olho para a porta do escritório para verificar se Bianca — ou, Deus o livre, Sally — não está em lugar algum e depois sigo os olhos de Natalie percorrendo o papel. Uma pontada surda martela a boca do meu estômago quando foco os olhos na lista. Esse sentimento é rapidamente substituído pelo pânico.

Amy sempre foi a irmã mais inteligente e demonstrou isso mais uma vez no sábado, me enganando a concordar com a lista antes de me deixar vê-la. Não tive uma única chance de editá-lo ou negociar alguns trechos, e quando me deixou ler, ela havia saído para uma consulta médica e eu fiquei sozinha e horrorizada.

Só Deus sabe o que ela acrescentou ou retirou “para meu benefício”. O que mais poderia estar ali? Enfiar meu rosto em um barril de piranhas? Sapatear nas costas de um jacaré adormecido? Me esgueirar atrás de um bando de garotas bêbadas e fugir com suas batatas fritas com queijo?

Os ombros de Natalie tremem, e eu olho por cima de:

LISTA DA GEORGIE

1. Comer em um restaurante 5 estrelas.
2. Fazer uma aula de salsa. (*Humilhante. Por que ela iria querer fazer isso?*)
3. Pular de paraquedas. (*Ela definitivamente está tentando me matar.*)
4. Marcar um encontro pelo Tinder. (*Putz. Por quê?*)
5. Pedalar em um parque. (*Talvez eu até goste desse, desde que eu não pedale para debaixo de um ônibus.*)
6. Correr dez quilômetros. (*O pior.*)
7. Fazer um bolo perfeito. (*Talvez eu precise confessar sobre as refeições prontas.*)
8. Mergulhar pelada no mar. (*O QUÊ? Sozinha? Eu seria presa!*)
9. Tentar andar de skate. (*Ela não me conhece de jeito nenhum.*)
10. Mostrar seus projetos para a Bianca! (*Hummm. Talvez eu os envie para ela por correio e depois me “esqueça” de colocar os selos corretos no envelope para que ela não os receba até ter uns noventa anos e sua visão praticamente ter acabado.*)

Natalie vira a lista e a devolve para mim, um sorriso largo puxando os cantos de sua boca.

— Não é tão ruim — ela diz —, e alguns desses itens podem até ser divertidos.

Levanto as sobrancelhas para ela e pego a lista de volta.

— Só tenho até o meu aniversário para fazer tudo isso.

Natalie se endireita.

— Quando é o seu aniversário?

— No início de dezembro — respondo —, então tenho algum tempo.

Natalie franze a testa.

— Mas não é uma lista para quando ela fizesse trinta? — ela pergunta. — Então, por que o prazo não é o aniversário dela?

Coloco a lista dentro do meu caderno e guardo de volta na minha bolsa.

— O aniversário dela é uma semana depois do meu — explico —, então meio que dá na mesma. Acho que ela queria que terminasse no meu aniversário, então eu veria como uma espécie de celebração. De qualquer maneira, geralmente fazemos uma festa conjunta.

Faço uma careta para Natalie e ela ri.

Amy disse que eu deveria cumprir os itens rápido para provar que podia. Ela disse que se eu não o fizesse, poderia esquecer. Posso dizer com segurança que não há como esquecer que tenho um pulo de paraquedas no meu futuro próximo.

— Bem — Natalie se levanta para ir embora —, por que você não começa com o mais fácil? O encontro do Tinder pode ser resolvido em alguns dias.

— O mais fácil? — repito.

Obviamente, ela nunca teve nenhum problema em compor uma biografia que, de alguma forma, diz:

“Eu sou muito divertida, mas não divertida desse jeito. Estou à procura de um relacionamento, mas também não sou louca, então prometo que não vou te pedir em casamento no primeiro encontro” em quinhentos caracteres.

É uma arte. Acredite em mim.

— Eu sempre quis ter um encontro relâmpago — acrescenta Natalie.

Lanço um olhar para ela.

— Não saia dando ideias para Amy.

Cristo.

Aceno para Natalie e pego o celular, minhas entranhas se contorcendo com o pensamento de ir a um encontro marcado pelo Tinder.

Baixei o Tinder uma vez e depois o excluí rapidamente, quando um homem pediu uma foto do meu dedão do pé e, desde então, evito qualquer aplicativo *on-line*.

Na dúvida, digito a palavra “Tinder” na minha *App Store* e vejo a espiral girar na minha tela.

É como algo que saiu de um filme de terror ou de um documentário. Minha irmã me escreve uma lista de desejos, concordo fielmente e sou comida viva por um maníaco enlouquecido depois que ele

batiza meu gin com heroína. Vou acabar no noticiário e me tornar o rosto para uma campanha de sexo seguro.

O Tinder se abre e sinto meu interior murchar. Lutando contra todos os instintos do meu corpo, escolho algumas fotos minhas e digito em uma bio patética. Um encontro. Eu só tenho que ir a um encontro com alguém. Além disso, Amy não estipulou quanto tempo esse encontro tem que durar. Talvez eu apenas diga “olá” e depois fuja rastejando pela saída de incêndio. Tarefa concluída.

O primeiro homem aparece na minha tela e, para minha surpresa, meu coração acelera.

Oh, uau! Ele é muito lindo! Eu não tinha ideia de que homens tão bonitos estariam no Tinder. Pensei que todos teriam uma perna de pau e fossem banguelas. Eu poderia alegremente ir a um encontro com esse cara. Aliás, eu adoraria ir a um encontro com esse cara! Talvez ele seja o cara da minha vida! Deus, isso é muito fácil, o primeiro cara que encontro no Tinder e me apaixono instantaneamente. Por que não fiz isso antes? Com o que eu estava preocupada? Não posso acreditar que eu...

Interrompo meus pensamentos quando passo para a bio dele:

Nada de balofas.

Fico olhando para a tela por um instante. Nada de balofas?

Quem é esse cara?

Olho em volta para verificar se ainda estou sozinha, como se a polícia das balofas pudesse aparecer a qualquer momento e me nomear prefeita da Balofalândia.

Uma onda de calor percorre meu corpo enquanto fico olhando para a tela.

Nada de balofas? Eu sou uma balofa? Tipo, eu não acho que seja, mas acabei de comer meio pacote de biscoitos cobertos de chocolate.

Olho na direção do meu estômago roncando e sinto um ímpeto de rebeldia.

Eu não sou uma balofa. De jeito nenhum. Vá se danar, *Dave*.

Ok, a maneira mais sensata de descobrir seria deslizar para a direita e ver se ele acha que eu sou uma balofa. Obviamente, não vou falar com ele, mas se der um *match*, posso ser feliz sabendo que estou

morando em uma zona livre de balofas. Certamente essa é a coisa sensata a se fazer.

Antes que eu possa me deter, meu dedo se lança para a frente e tira Dave da minha tela arrastando-o pela cara. Faço uma pausa e nada acontece.

Oh, meu Deus, não deu *match*. Eu *sou* uma balofa! Todos esses anos comendo pizza no café da manhã finalmente pesaram pra mim.

Eu sou uma balofa. E você sabe o que vem depois de balofa? Baleia. Sou uma balofa baleia.

Uma puta de uma baleia. Uma baleiosa...

— Georgia?

Olho para cima quando Sally passa a cabeça pela porta.

— Bianca precisa de você. Reunião. Agora.

Eu pulo da cadeira e corro atrás de Sally.

— Você fez o café? — Sally me interroga quando viramos em outro corredor.

— Fiz — eu minto. — É claro que fiz.

Sinto uma pontada no estômago enquanto seguimos em frente em velocidade.

Merda.

Sally se detém quando chegamos do lado de fora da sala de reuniões. Ela pisca para a mesa vazia.

— Cadê o café?

Abro meu caderno e folheio as páginas, fingindo parecer incrivelmente ocupada.

— Café? — repito, evitando fazer contato visual com ela. — Lá dentro.

Tenho tempo para fazê-lo? Eu poderia dar um tapinha no ombro de Sally, me esconder atrás dela e depois, quando ela me questionar, dizer que ela está ficando gagá?

Embora ela tenha apenas trinta e dois anos. Isso é jovem demais para ser gagá, não é?

Talvez eu esteja ficando gagá.

— Georgia — Sally diz severamente —, não está lá. Onde está?

Eu poderia apenas dizer a verdade. Que eu não fiz o café porque estava muito distraída com o Dave do Tinder e decidindo se eu era ou não uma balofa baleia.

Se eu confessar que esqueci, a cabeça dela vai explodir. Demorou três meses para ela parar de me seguir por toda parte. Se eu disser a verdade, ela pode tentar se mudar para o meu apartamento e acompanhar cada movimento meu.

— Você esqueceu de fazer o café? — A voz de Sally corta através de mim. — Você esqueceu de fazer? Você não fez, né?

— Eu fiz — disparo contra ela. — É claro que eu fiz.

Deus, como ela é chata.

Quem ela pensa que é para presumir que esqueci de fazer o café? Como se eu fosse algum tipo de imbecil. Sou uma profissional, uma adulta de 26 anos. Posso realizar com sucesso uma tarefa simples.

Quero dizer, eu sei que esqueci, mas isso não vem ao caso.

— Estava aqui — eu me ouço dizer antes que possa me impedir. — O café estava aqui. Foi onde deixei.

Meu pescoço queima quando a mentira cai da minha boca.

Certo. Então eu acabei de mentir. Por que acabei de mentir? Não posso mentir. Sou péssima contando mentiras. O que estou fazendo?

O olhar de Sally voa ao redor da sala e pousa de volta em mim.

— Bem, não está mais aqui — ela diz em tom acusador.

— Talvez alguém tenha roubado — respondo infantilmente.

— Sally, abra a porta!

Minha cabeça se levanta, e Bianca vem deslizando pelo corredor. Sally se põe alerta com um salto e, obediente, abre e escora a porta. Bianca entra e se joga em uma cadeira. Seus olhos percorrem a sala e meu rosto parece pegar fogo. É conhecimento comum que Bianca nunca começa uma reunião sem uma xícara de café fresco. Há quem diga que isso é mais importante do que a reunião em si.

De repente, seus olhos perspicazes se estreitam.

— Cadê o café?

Sally salta para a frente como se tivesse sido picada por um bastão elétrico para gado.

— A Georgia diz que foi roubado — ela afirma rigidamente.

CAPÍTULO SEIS

4 DE AGOSTO

LISTA DE TAREFAS:

- TINA. CONTA DE GÁS
- Encontrar sete pombas (Bianca. Não é importante. Falta uma eternidade pro casamento)
- Terminar o projeto, colocar no portfólio
- Lavar roupa escura (ficando sem calças, urgente) !!!!!
- Ligar pra Amy.

Ah, meu Deus e puta que pariu. Quem precisa entrar em uma academia quando se tem que trocar sozinho uma cama de casal?

Acho que nunca fiquei tão exausta, e olha que uma vez subi por engano as escadas fixas na estação Covent Garden do metrô.

Esfrego a testa com as costas da mão e sinto uma irritação rugir nas minhas costas.

É uma maneira muito chata de passar um sábado. Parece que faz *horas* que estou tentando trocar a porcaria da roupa de cama. Eu não estava pensando em trocar os lençóis hoje, mas então peguei Tina espiando minha mancha de bronzeamento artificial e não me restou muita escolha.

Faço uma careta para o edredom, que está amontoado num embo-lado lamentável.

Pego as extremidades do meu lençol de elástico com os dedos e o estico sobre o meu enorme colchão.

Vamos. Vamos, seu maldito filho da p...

Argh!

Quase caio para trás quando o lençol escapa do colchão e se encolhe em uma bola patética no meio da cama. Irritação rosna dentro de mim.

Pelo amor de *Deus*! Por que isso é tão difícil? Esta é a minha vida agora? Vou fazer isso para sempre? Será que eles vão me encontrar, aos noventa anos, segurando o canto da minha cama desarrumada com uma das mãos e, desesperadamente, agarrando um vidro de amaciante com a outra?

Eu literalmente estarei no meu leito de morte. Meu leito de morte desarrumado.

Isso é uma baita injustiça. Como adulto, espera-se que você saiba dominar todo tipo de tarefas impossíveis sem nenhum treinamento ou instrução.

Quero dizer, por que nunca nos ensinaram isso na escola? Tenho que trocar a cama uma vez por *semana* e ainda estou esperando o dia em que memorizar todos os dígitos de Pi servirá para alguma coisa.

(3,14159, muito obrigada.)

Meu celular acende e meus olhos voam irritados para a tela, que está piscando entre os lençóis rebeldes.

Depois de uma semana de mensagens constrangedoras, finalmente tenho um encontro arranjado pelo Tinder com esse cara chamado Jack. Vamos nos encontrar às vinte horas em um lugar muito transado chamado The Hook. O que será interessante, pois não há nada transado em mim. Sou absolutamente careta. Se eu tivesse que fazer uma careta, minhas caretas seriam caretas.

Tento ignorar a ansiedade que invade meu peito com a perspectiva de encontrar um completo estranho.

Mas, ainda assim, pelo menos eu vou no encontro. Um encontro, como Amy insistiu. Então eu vou poder excluir esse aplicativo idiota e voltar a me apaixonar por estranhos no metrô.

Passo os dedos pelos cabelos e largo o celular de novo na cama.

Na verdade, acho que a lista de Amy pode estar tendo um bom efeito em mim. Mal são três da tarde e eu tomei um banho completo, me hidratei e estou trocando meus lençóis por iniciativa própria. Olhe para mim, eu sou a Victoria Beckham.

E fui correr hoje de manhã e não morri no processo!

Eu me coloco de volta em pé e olho para a minha cama nua.

Argh. Por que isso é tão difícil? Era para ser tão difícil assim? Queria que houvesse alguém que pudesse fazer isso por mim. Não tipo uma empregada. Mas uma cama autotrocável?

Na verdade, é uma ótima ideia. Talvez eu leve para a Dragons e faça minha fortuna, e então eu possa comprar um namorado em vez de ir a esse estúpido encontro do Tinder.

Embora eu não queira sair com um gigolô.

Ando pela rua e tento ignorar a dor que queima meus pés enquanto eles pulsam nos meus sapatos de salto alto e bico fino. Olho no relógio.

São 08h07. Merda.

Uma rajada de vento nas minhas costas e eu ponho os dedos entre os cabelos sob o sol de agosto, que brilha entre os altos edifícios de Londres. Não era assim que eu queria ser vista chegando no meu encontro. Atrasada, varrida pelo vento e sem celular.

Logo após o fiasco da minha cama, meu celular decidiu se jogar dentro da banheira. Felizmente, eu já havia combinado com Jack onde eu o encontraria, mas agora meu celular foi colocado para descansar em uma tigela gigante de arroz.

Viro em uma esquina e finalmente vejo o The Hook. Suprimo o desejo de revirar os olhos.

Obviamente, é coberto de luzinhas e bandeirinhas. Eu não ficaria surpresa demais se o garçom fosse um homem vestido de abacate.

Pisco algumas vezes avaliando a entrada, ondas de calor quebrando uma por uma em cima de mim. Não o estou vendo. Ah, não. Por que não o vejo? Por que ele não está aqui? Onde ele está? Ele disse que nos encontraríamos do lado de fora. Ele disse que estaria vestindo verde. Ele não está aqui!

Com nervosismo, vou forçando meu caminho pela entrada.

CAPÍTULO SETE

ROTINA DE CORRIDA:

04/08 1 km ✓ (Agosto não é época de começar a correr.
Manchas de suor são incontroláveis.)

Olho fixamente para a tela do meu computador, digitando números sem pensar em uma das planilhas de orçamento da Bianca. Pela primeira vez, fiquei aliviada quando Bianca me pediu para equilibrar o orçamento do casamento. Desde domingo, meu cérebro não parou de girar.

Tento engolir o nó seco alojado no fundo da minha garganta.

Com quem eu saí? Tenho certeza de que perguntei o nome dele. Passei uma noite inteira com ele, rindo, compartilhando histórias. Quem era? Não mencionei isso para Amy, mas contei muito a esse cara sobre mim. Tudo sobre o meu trabalho, minha família, minha vida. Eu nem sei quem é esse cara, e agora ele sabe um monte sobre mim.

Olho para cima quando Natalie entra discretamente no escritório e fecha a porta atrás dela. Ela puxa a cadeira de Sally e se senta ao meu lado. Sally está em reuniões com Bianca desde as nove horas da manhã, graças a Deus.

— Como foi? — Natalie sorri, pegando meu creme para as mãos e esguichando uma quantidade generosa na sua palma aberta.

Evito olhar para ela.

— Como foi o quê? — pergunto, sabendo muito bem do que ela está falando.

— O encontro? — Natalie pergunta.

Sinto pontadas de pânico com a menção. Eu suspiro.

— Sim, ótimo — digo amargamente. — Mas não era ele.

Natalie franze a testa para mim.

— Como assim? — Sua boca se abre quando o pensamento a atinge. — Ah, meu Deus. Não era o cara da foto? Você levou golpe?

— Não! — respondo. — Não foi golpe. Eu pensei que era ele. Mas não era.

Natalie franze o rosto. Afasto os olhos cansados e quadrados da planilha e explico toda a história, meu estômago se contorcendo a cada detalhe.

— Caramba... — Natalie sussurra quando eu termino. — Bem, não achei que você fosse dizer isso.

Encolho os ombros e pego meu celular.

— Eu sei.

— Bem — diz Natalie —, olhe pelo lado positivo. Pelo menos você pode riscar um item da sua lista, certo? Você disse a Amy que iria a um encontro.

Inclino a cabeça. Eu não tinha pensado nisso.

— Bem observado — digo, alcançando minha bolsa para pegar o diário. Minhas mãos arranham o interior da minha bolsa, sem sucesso. Pânico aperta minha pele. Enterro a cabeça dentro da bolsa.

Ué, cadê?

— Você está bem? — Natalie pergunta, minha cabeça engolida pelo forro.

— Não — eu digo, meus batimentos cardíacos começando a acelerar. — Não. Não consigo encontrar meu... meu diário sumiu.

— O seu diário? — ela repete. — Seu caderno, você quer dizer?

— Sim... — Pânico gira na minha garganta. — Você sabe, o caderno que eu levo comigo para todo lugar, só que eu chamo de diário. Tem todas as minhas... coisas nele. Eu preciso dele.

Passei os dedos pelos cabelos, o medo cravando as garras no meu corpo.

Onde está? Onde *está*?

Natalie se inclina para a frente.

— Você deixou em casa?

Começo a tirar todos os itens da minha bolsa freneticamente.

— Não — digo apressada —, sempre deixo nesta bolsa. Esta é a única bolsa que eu uso. Eu a levo comigo a todos os lugares. Eu nunca tiro. Não está aqui.

Tiro os últimos objetos da minha bolsa e olho para Natalie. Seus olhos amendoados estão arregalados atrás dos óculos grossos. Minha lista estava naquele diário. A lista da Amy. Por que não está na minha bolsa? Para onde foi?

Não posso ter perdido. Não posso.

Natalie me olha impotente, e eu olho de volta para ela, boquiaberta. Ela faz menção de falar, mas meu celular vibra ao meu lado. Meus olhos descem rapidamente e pousam em uma mensagem de texto.

Oi. É o Jack do sábado, você deixou seu caderno comigo. Estou livre amanhã à noite se você quiser me encontrar de novo no The Hook. Me avisa. Bj.

Meu estômago afunda dentro de mim.

— O que foi? — Natalie nota minha expressão. — O que foi isso?

— É ele! — eu consigo dizer, minha garganta ardendo. — O Jack! O Jack *fake!* Ele está com o meu diário! Ele o *roubou!* Ele quer...

— Georgia? — a voz aguda de Sally me interrompe. — Onde você está? Ah. Precisamos de você nessa reunião.

Eu pisco para Sally, um suor frio se formando na minha testa.

Não posso ir a uma reunião agora. Eu mal consigo falar. Eu preciso me deitar e de uma dose de uísque.

— Claro — digo com a voz fraca, e Sally levanta as sobrancelhas para mim com expectativa. — Já vou.

Sally desliza para fora da sala e eu volto para Natalie.

— Você tem que ir vê-lo — diz Natalie de uma vez — e pegar suas coisas de volta. Quem ele pensa que é? O que ele tem feito com o seu diário? Que maluco!

Concordo balançando a cabeça, minha boca seca.

— Sim — digo. — Você está certa. E se ele me matar? — deixo escapar de repente. — E se essa for a armadilha dele para me atrair para a casa dele, para que ele possa me cortar em pedacinhos e me enterrar embaixo das tábuas do assoalho?

Natalie fica esperando.

— Você anda assistindo muito *CSI*.

— Natalie! — eu choramingo.

Natalie se levanta.

— Eu vou com você — ela diz, desafiadora. — Diga a esse estranho que você vai se encontrar com ele amanhã depois do trabalho. Eu vou com você e fico sentada a duas mesas de distância. Ele não sabe quem eu sou, e se acontecer alguma coisa, você pode me passar um código ou algo assim, e eu entro em cena.

Puxo minhas pernas bambas para conseguir ficar em pé, sentindo como se eu pudesse cair de volta no chão a qualquer segundo.

— Certo — digo, me segurando pra não vomitar. — Tudo bem. Eu vou.

* * *

Abro meu espelho compacto e dou uma olhada no meu reflexo. Desnecessário dizer que fiz muito pouco no trabalho hoje e passei a maior parte da tarde desesperadamente lendo horóscopos, para a eventualidade de algum deles sugerir que eu estivesse prestes a ser assassinada por esse tal de Jack maluco.

Nenhum dizia nada. Embora algum tenha dito que eu deveria esperar um “desenvolvimento financeiro”, o que certamente estou ansiosa para que aconteça.

De alguma forma, eu e Natalie conseguimos nos trancar no banheiro do escritório pelos últimos quarenta minutos do dia e Natalie esculpiu meu rosto do zero. Pareço uma pessoa totalmente nova. Ironicamente, Jack pode não me reconhecer. Fecho o espelho quando o trem balança para fazer outra curva e o pânico faz cócegas no meu coração.

— Você está bem? — Natalie pergunta.

Confirmo balançando a cabeça rigidamente.

— Acho que sim — digo, fixando os olhos no anúncio de um gato inchado no metrô, chupando um termômetro. Meu estômago revira e tento ignorar minha garganta seca, tremendo de pânico. Fecho os olhos e os abro novamente espiando minhas mãos sardentas, que estão tremendo um pouco.